



“Se você é fã de romances de época,
precisa ler Sabrina Jeffries!” – *Lisa Kleypas*

SABRINA JEFFRIES

— — — — —
DINASTIA DOS DUQUES

— — — — —
4 — — — — —

UM DUQUE
À PAISANA

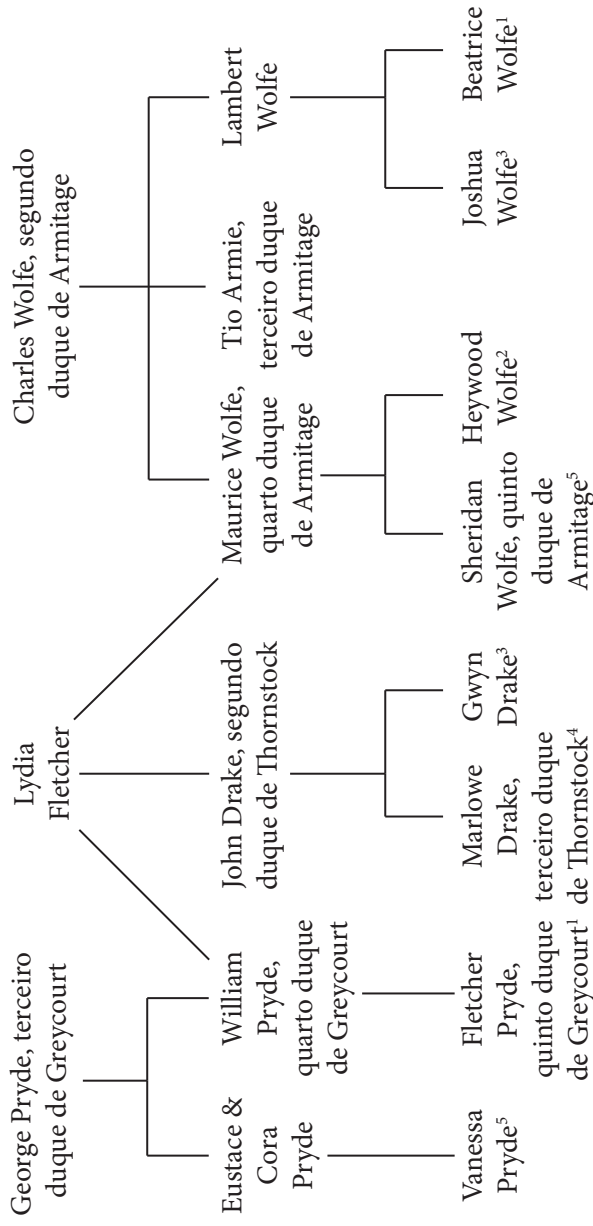


CUM DUQUE
À PAISANA

*Para minha falecida mãe. Quanta saudade
de você... Uma pena ter ido embora tão cedo.*

Obrigada por todos os anos em que cuidou de nós e do papai.

Maridos e filhos de Lydia



1 - Projeto duquesa

2 - Um par perfeito

3 - O duque solteiro

4 - Quem quer casar com um duque?

5 - Um duque à paisana

O ÚLTIMO DUQUE SOLTEIRO

Queridos leitores,

A estimada correspondente que vos fala não consegue acreditar. O duque de Thornstock, aquele demônio despudorado, não apenas se casou como escolheu a Srta. Olivia Norley como sua esposa! E isso depois de ela ter recusado o pedido dele anos atrás. Ele realmente deve ter se corrigido, pois sabe muito bem que a Srta. Norley nunca aceitaria se casar com ele de outra forma.

Isso significa que seu meio-irmão, Sheridan Wolfe, o duque de Armitage, é o único filho da duquesa viúva que ainda não se casou. Que sortuda será a jovem que conseguir fisgá-lo! Embora as linguarudas de plantão digam que ele precisa se casar com uma dama rica para salvar a propriedade dele, o que não incomodará ninguém que tenha uma filha elegível. Afinal, trata-se de um duque jovem e bonito, o que é particularmente raro. Ouso dizer que não ficará solteiro por muito tempo.

Que delícia será observá-lo caçando sua noiva. Armitage é discreto, o oposto de Thornstock, e é ainda mais recluso do que seu outro meio-irmão, o duque de Greycourt. Por isso será necessária a mais intrigante das damas para penetrar em sua armadura e conquistar o coração raro que certamente bate ali. Com a respiração em suspenso, aguardamos o resultado.

CAPÍTULO UM

Armitage House, Londres, novembro de 1809

— **O** duque de Greycourt está aqui para vê-lo, Vossa Graça.

Sheridan Wolfe, o duque de Armitage, levantou o olhar da lista dos cavalos nos estábulos da propriedade de sua família, Armitage Hall, e viu o mordomo na porta.

– Deixe-o entrar.

Grey, seu meio-irmão, deveria estar em Suffolk, mas, graças a Deus, esse não era o caso. Grey seria uma forma bem-vinda de adiar a decisão sobre qual cavalo deveria ser leiloado. Sheridan não queria se livrar de nenhuma das montarias de primeira linha. Mas o ducado de Armitage estava soterrado em uma montanha de dívidas graças aos gastos exagerados de seu falecido tio e ao fato de o pai de Sheridan...

Um nó se formou em sua garganta. Ao fato de seu pai, padrasto de Grey, ter morrido tão cedo.

Sheridan deixou a lista de lado. Já fazia um ano. Maldição... Por que a morte do pai ainda o assombrava? Até mesmo sua mãe parecia estar lidando com aquilo melhor do que ele. Se não fosse pela chegada de Grey, Sheridan teria levado Juno para uma corrida pelo Hyde Park para distrair a mente.

Talvez mais tarde. A égua puro-sangue tinha talento para...

Com um gemido, ele lembrou que Juno não era mais sua. Tinha sido a primeira que precisara vender para pagar as dívidas da propriedade. Odiara fazer isso. Juno era a melhor égua de montaria do estábulo de seu falecido tio, mas precisara escolher entre ela e um dos puros-sangues de corrida, que ainda podiam lhe render algum dinheiro conquistando prêmios, mesmo não sendo bons para montaria.

Que pensamento deprimente. Ele se levantou e foi até o *decanter* de conhaque. Considerava o meio da tarde cedo para um drinque, mas, se não podia cavalgar, então precisaria de um conhaque e uma conversa agradável com Grey. Serviu-se de uma taça e estava prestes a servir outra para o meio-irmão quando o mordomo abriu a porta para Grey entrar e a perspectiva de um papo animado evaporou.

Seu irmão parecia já ter bebido muitos conhaques e estar prestes a colocar tudo para fora. Pálido e agitado, Grey esquadrinhou o escritório de Sheridan na mansão de Londres como se esperasse que um ladrão fosse pular de trás de uma estante a qualquer momento.

– Quer alguma coisa? – ofereceu Sheridan, indicando ao mordomo que esperasse um instante. – Chá? Café? – Ele levantou a taça. – Conhaque?

– Não tenho tempo para isso, infelizmente.

Sheridan acenou para dispensar o mordomo. Assim que a porta se fechou, ele perguntou:

– O que houve? É Beatrice? Você certamente não está na cidade para assistir à peça, não nessas circunstâncias.

Dali a poucas horas, o restante da família assistiria à apresentação filantrópica da peça *As aventuras de um estrangeiro em Londres*, de Konrad Juncker, no Parthenon Theater. Embora Sheridan mal conhecesse o dramaturgo, seu outro meio-irmão, Thorn, pedira sua presença, pois a obra de caridade contemplada era muito importante para sua esposa: Half Moon House, que ajudava mulheres de todas as condições e classes a se reerguerem. Grey balançou a cabeça.

– Não, eu vim buscar um médico obstetra para atender Beatrice. A parteira de nossa região disse que ela deve dar à luz antes do previsto, e ela está preocupada com as complicações. Por isso vim correndo a Londres, para o caso de a parteira estar certa. O médico está me esperando na carruagem neste exato momento, aliás.

Levantando uma sobrancelha, Sheridan disse:

– Eu poderia suspeitar de você ter levado Beatrice para a cama antes do que deveria, mas vocês já estão casados há dez meses, então dificilmente seria um bebê prematuro.

– Realmente, não. E a parteira pode estar errada, mas é melhor não contarmos com isso. Portanto parei aqui. Preciso de um favor.

Sheridan virou a cabeça.

– Infelizmente, não tenho conhecimento na área de trazer bebês ao mundo, então...

– Você se lembra de quando decidimos que eu é que deveria perguntar à tia Cora sobre as duas festas em que suspeitamos que o assassino do meu pai teria estado presente?

– Lembro, sim.

Os cinco filhos de Lydia Fletcher tinham finalmente chegado à conclusão de que o fato de a mãe ter ficado viúva três vezes não fora apenas uma confluência de eventos trágicos. Alguém matara seus maridos, inclusive Maurice Wolfe, o pai de Sheridan e de Heywood, e o duque de Armitage anterior. Eles desconfiavam de que a pessoa por trás dos assassinatos era uma dentre três mulheres que haviam estado presentes nas festas que antecederam a morte dos dois primeiros maridos. Então Sheridan e seus irmãos atualmente estavam envolvidos em uma investigação secreta, e cada um tinha tarefas específicas. A de Grey era interrogar a tia dele, Cora, conhecida como lady Eustace, que não tinha relação com os outros irmãos.

Sheridan de repente percebeu qual deveria ser o “favor”.

– Não. Por Deus, não. Não vou fazer isso.

Droga.

– Você não sabe o que eu vou pedir – disse Grey.

– Mas posso imaginar. Você quer que eu vá falar com lady Eustace.

Grey suspirou.

– Sim, dadas as circunstâncias.

– Você logo vai estar de volta. Não podemos esperar até lá?

– Não sei. Sinceramente, não faço ideia de quanto tempo precisarei ficar no campo.

Sheridan inspirou com força.

– Entendo, mas por que eu, Grey? Eu mal a conheço.

– Os outros *nem sequer* a conhecem – destacou Grey. – E você, pelo menos, conhece Vanessa, o que lhe dá uma desculpa.

Esse era precisamente o motivo pelo qual Sheridan não queria fazer isso. Interrogar lady Eustace significava ter que ficar perto da filha dela, a Srta. Vanessa Pryde, que, com seus cachos rebeldes, o corpo exuberante e o sorriso largo, era atraente demais para que ele se mantivesse são.

– Falei com Vanessa algumas poucas vezes – corrigiu Sheridan. – Isso não me torna a pessoa ideal para a tarefa.

– Mas eu e minha tia nos odiamos, Sheridan. O que também me deixa longe do ideal, já que é provável que ela não me conte a verdade.

Não era segredo nenhum na família que Eustace, tio de Grey, o tratara muito mal quando ele era garoto, na esperança de que o jovem sobrinho assinasse documentos passando várias propriedades para seu nome. E que a tia fizera vista grossa.

Sheridan bebeu um gole de conhaque.

– E por que a sua tia *me* contaria a verdade?

– Porque você é um duque solteiro. E a filha dela é uma jovem dama solteira. Não que eu esteja sugerindo que você finja cortejar Vanessa, mas a mãe dela certamente verá a oportunidade e ficará mais propensa a baixar a guarda.

– Não tenho tanta certeza. Sua tia sempre foi fria comigo, provavelmente porque sou um duque *pobre*. Ela está em busca de um homem rico para Vanessa, que, cá entre nós, vai mesmo precisar de um. Ela é uma menina mimada e insolente, uma combinação perigosa para um homem que não pode pagar por vestidos caros, peles e joias. Eu, que já estou quase afundando, com uma esposa como Vanessa certamente me afogaria de vez.

Grey estreitou o olhar.

– Vanessa não é tão mimada, só determinada a conseguir as coisas do jeito dela.

– Qual é a diferença?

– Uma garota mimada recebe tudo de mão beijada, então espera que a vida continue assim quando se casar. Acredite em mim, apesar de Vanessa ter tido alguns privilégios, ela cresceu em uma família turbulenta, por isso é tão obstinada em não se sujeitar a ninguém.

– Bem, ainda assim, casar com uma mulher como ela significa conflito constante no casamento.

– Gwyn e Beatrice também são assim e até agora Joshua e eu estamos muito satisfeitos. Na verdade, prefiro estar casado com uma mulher determinada e que sabe o que quer.

– Bom para você – retrucou Sheridan. – Mas você tem muito dinheiro para mimá-la se quiser, eu não. E a *sua* esposa não tem uma fixação absurda por aquele maldito poeta Juncker.

– Ah, sim, Juncker – disse Grey, coçando o queixo. – Eu duvido que isso seja mais do que uma paixonite.

– Acredite em mim, já escutei todos os elogios dela às peças “brilhantes” do sujeito. Uma vez ela foi ridícula a ponto de falar que ele escrevia com a ferocidade de um “anjo sombrio”, o que quer que isso signifique. Ela é uma menina frívola que não faz ideia do tipo de homem com quem deveria se casar.

– Mas você faz, então aproveite – aconselhou Grey, com um brilho diferente no olhar.

– De fato, mas Vanessa precisa de um camarada que refreie seus excessos,

que a ajude a canalizar esse entusiasmo juvenil para atividades mais práticas. Infelizmente, ela tem ideias românticas que só irão prejudicá-la, ideias que a levarão a querer um homem que ela ache que pode manipular e, assim, gastar o próprio dote da forma que bem entender.

– Ou seja, Juncker – disse Grey.

– Quem mais? Você sabe perfeitamente que ela anda sonhando com ele há uns dois anos pelo menos.

– E isso o incomoda?

A pergunta pegou Sheridan desprevenido.

– É claro que não.

Como Grey riu com sarcasmo, Sheridan acrescentou, de má vontade:

– Juncker está bom para ela. Claro que poderia conseguir algo melhor, mas também poderia conseguir algo bem pior.

– Você me convenceu – disse Grey maliciosamente. – A menos que...

– A menos que o quê?

– Você está esquecendo que ela acha que duques são arrogantes, insensíveis e podres. Por isso ela nunca concordaria em se casar com você.

– Sim, você já me disse isso.

Mais de uma vez, ponderou Sheridan. O suficiente para irritá-lo.

– E eu não quero que ela se case comigo – acrescentou ele.

– Acho que você poderia fazer com que ela *goste* de você, porém mais do que isso...

Como Grey não terminou o raciocínio, Sheridan rangeu os dentes.

– Você já foi bem claro.

Não que Sheridan tivesse a menor intenção de fazer com que Vanessa “gostasse” dele. Não era a mulher certa para ele, conforme já concluía havia muito tempo.

– Você não concordou em pagar o dote de Vanessa? – perguntou Sheridan, tomando mais um gole de conhaque. – Você poderia ameaçar bloquear o dote até lady Eustace revelar o que sabe.

– Primeiro, isso só prejudicaria Vanessa. Segundo, se minha tia se sentir encurralada, vai simplesmente mentir. Além disso, nossa investigação exige discrição, para que a assassina continue pensando que vai escapar impune. Foi por isso que não contei para tia Cora nem para Vanessa que já descobrimos que meu pai foi morto por arsênico. O que é outra razão pela qual você deveria falar com a minha tia. Ela não vai suspeitar de você.

– E Sanforth? – perguntou Sheridan. – Tínhamos decidido que eu faria perguntas pela cidade. O que aconteceu com *essa* parte do plano para encontrar a responsável, ou os responsáveis, pela morte dos nossos pais?

– Heywood é capaz de conduzir a investigação em Sanforth sozinho.

Isso era verdade. O irmão mais novo de Sheridan, um coronel reformado, já tinha feito melhorias significativas em sua modesta propriedade. Comparado a isso, interrogar moradores da minúscula Sanforth soava como diversão para uma tarde preguiçosa.

– Pense comigo, Sheridan – continuou Grey –, não há razão alguma para você voltar a Sanforth. Como já está aqui em Londres para assistir à peça mais tarde, pode muito bem aparecer no camarote do irmão da minha tia e ver o que consegue descobrir. Pode fingir que foi lá para conversar com Vanessa.

– Supondo que elas compareçam – disse Sheridan. – Produções filantrópicas não me parecem o tipo de evento do qual lady Eustace gosta.

– Ah, elas estarão lá – garantiu Grey. – Vanessa vai garantir isso. A peça é de Juncker, lembra?

Sheridan fitou a bebida que reluzia na taça e se esforçou para não praguejar.

– Certo. Muito bem. Vou aturar as desconfianças de lady Eustace e ver o que consigo descobrir.

O que significava também ter de aturar Vanessa elogiando Juncker feito uma tola. Sheridan sentiu um nó na garganta. Ele não se importava. Não tinha *motivo* para se importar.

– Obrigado – falou Grey. – Agora, se me dá licença, eu...

– Eu sei. Beatrice está esperando em casa e você tem uma longa viagem pela frente.

Ele encontrou o olhar ansioso do irmão e suavizou o tom de voz.

– Vai ficar tudo bem. Os Wolfes são fortes. Isso sem falar da nossa mãe. Se ela conseguiu ter cinco filhos de três maridos diferentes antes de completar 25 anos, tenho certeza que a minha prima não terá problemas em lhe dar um herdeiro.

– Pode até ser uma menina. Eu não me importo. Contanto que Beatrice sobreviva e o bebê venha com saúde...

– Vá.

Sheridan podia perceber pela expressão distraída de Grey que a cabeça do irmão já estava em seu reencontro com a esposa.

– Vá ficar com ela. Pode contar comigo.

Sheridan conhecia muito bem a angústia que o amor podia causar, como atingia fundo, como era doloroso o nó que se formava na garganta. Helene não tivera a intenção, mas o deixara desacreditado desse sentimento.

E era exatamente por isso que não tinha a menor intenção de se colocar naquela situação de novo. Ver a agitação de Grey bastava como lembrete: o amor é capaz de mastigar um homem e cuspi-lo mais rápido que a velocidade de seus puros-sangues. Sheridan já tinha muito com que se preocupar. Não pretendia acrescentar uma esposa à lista.

CONHEÇA OS LIVROS DE SABRINA JEFFRIES

DINASTIA DOS DUQUES

Projeto duquesa

Um par perfeito (apenas e-book)

O duque solteiro

Quem quer casar com um duque?

Um duque à paisana

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

